

Atlântico Expresso

Fundado por Victor Cruz - Director: Américo Natalino de Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso - 29 de Abril de 2019 - Ano: XXXII - N.º 1710 - Preço: 0,90 Euros - Semanário

Nota de Abertura

Lembrando “maiorias silenciosas”

Estamos em antevéspera de mais um feriado, este com significado especial por nele se comemorar o Dia do Trabalhador que, por via da moda da ideologia do género deveria mudar de nome para “Dia de quem trabalha”, já que não faltará quem, à falta de saber gramática, superabundará na repetição de Dia do trabalhador e da trabalhadora.

Há 45 anos, o 1º de Maio foi o desaguar de todas as emoções do 25 de Abril. A revolução fez-se em Lisboa. As notícias naquela altura levavam tempo a chegar aos mais recônditos pontos do País e do então império colonial e ilhas adjacentes e foi o 1º de Maio que trouxe a grande explosão popular com o povo a sair à rua em números impressionantes, na inocente presunção de que tinham terminado os problemas do País e estava resolvido o problema do atraso cultural e económico e da guerra, esse fantasma que ensombrava de pesadelos a vida dos jovens e das suas famílias.

No regime anterior, tudo fora feito para que o Dia do Trabalhador não fosse conotado com a ideologia reivindicativa de outros países. E isto acontecia em Portugal e noutros Países. A própria Igreja católica, para responder à onda crescente de afirmação desse Dia, até criou uma festa litúrgica, com a celebração de São José Operário, colocando-o como modelo do trabalhador cristão, em imagem de carpinteiro a que não faltou o banco e a serra, símbolos da profissão. Nunca resultou, e a celebração do Santo ficou mesmo e sempre resguardada para o dia 19 de Março.

Não admira que aquele Dia do Trabalhador em 1974 tenha sido um dia histórico para quem o viveu e passados 45 anos vale a pena pensar no que hoje se pretende com este Dia e, mais importante do que tudo, quais os sonhos e os reais desejos de quem verdadeiramente trabalha.

Falar do Trabalhador não deve ser, ou melhor, não pode ser uma opção ideológica, porque há muita vida para além das ideologias e, normalmente, quem vende ideologias, não sabe o preço do trabalho, nem conhece o custo da conciliação entre viver e trabalhar. Ao lado daqueles que, escudados na força dos sindicatos e no seu poder reivindicativo, e que têm o Estado como patrão e o Orçamento como capital, existem milhões de pessoas que trabalham e vivem a incerteza e a precariedade. Aqueles que constituem a massa anónima dos indiferenciados, sem poder e sem força, ao serviço de grandes grupos económicos que vivem e crescem, precisamente com a política de salários baixos e trabalho duro!

Para esses, não chegou o verdadeiro reconhecimento, nem a verdadeira liberdade. É duro o sentimento de desigualdade que sente quem trabalha o mês inteiro, muitas vezes em turnos, e sem domingos nem feriados, para receber o ordenado mínimo ou pouco mais, e que vê, ao seu lado, na sua rua, na sua família e na sua terra, tantos e tantas que se habituaram a nada fazer, podendo, e que ao final do mês recebem quase tanto como eles que trabalharam e sofreram.

Passados 45 anos, há “maiorias silenciosas” que ainda não foram reconhecidas, há gente que sofre e é explorada e que deve merecer atenção dos poderes políticos que, infelizmente, canalizam atenções e apoios para quem tem poder de influenciar o voto e promover a agitação social. É que, para satisfazer as reivindicações de uns, em patamares salariais bastante elevados, acaba-se sempre por esmifrar outros, esses com verdadeiras necessidades, ao peso de impostos e de exigências que tornam as empresas privadas frágeis e sem capacidade de melhor retribuir quem nelas trabalham.

Em Dia do Trabalhador que se aproxima, olhar para os sem-voz, é também uma forma de celebrar, porque há uma grande franja da nossa população que, mesmo trabalhando, ainda está no limiar da pobreza... e do esquecimento!

Santos Narciso

Investigadora defende reforço do apoio aos agricultores

Pastagens permanentes podem ajudar a baixar custos de produção



Nos Açores, e tendo em conta a dimensão que ocupam os terrenos que são utilizados para a prática da agricultura intensiva, será importante aumentar o número de pastagens permanentes, uma vez que estas serão essenciais para manter a biodiversidade das pastagens, sendo esta uma das conclusões a que está a chegar Ângela Vieira através do projecto de doutoramento que está actualmente a desenvolver pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores. “Em São Miguel as pastagens que temos em maior número são as pastagens intensivas, porque para termos tanto leite e tanta criação de gado temos que ter produção intensiva”, salienta Ângela Vieira afirmando que, no entanto, será “muito importante incentivar os agricultores a não perderem as suas pastagens permanentes ou até a tornarem as pastagens que agora têm em pastagens permanentes, ou seja, que deixem de ser tão intensivos”.

págs. 8-9

Assinalando o Dia Mundial da Dança

Filme do bailado de nove ilhas com coreografia de Milagres Paz no Teatro



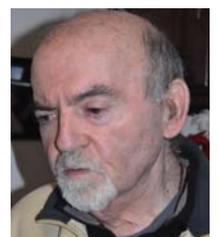
O filme do bailado sobre as nove ilhas dos Açores, com coreografia de Milagres Paz, vídeo e edição de Hugo França, música de Paulo Andrade e Mário Raposo, Milagres Paz, Hugo França Paulo Jorge Moniz Andrade, Carolina Ruas da Silva, Íris Medeiros, Patricia Silva, Bruna Ferreira, Sara Albergaria, Julia Miranda, Salomé Marques, Vikshar Ananda assinala o Dia Mundial da Dança, hoje, Segunda-feira, 29 de Abril 21h30, no Teatro Micaelens,e e à mesma hora no Auditório da Madalena.

Quatro paquetes em simultâneo nesta Segunda-feira

12 mil turistas “invadem” hoje Ponta Delgada

pág.7

A homenagem do Atlântico Expresso no adeus a João de Brito Zeferino



pág.20

As viagens estão nos genes de Cláudia Martins

Açoriana casou no Saara e em 10 anos já visitou 60 países que partilhou em 10 livros



págs.2-3

Aumento do número das pastagens permanentes pode salvar a biodiversidade existente no solo

É esta a conclusão a que está a chegar Ângela Vieira, através do doutoramento que se encontra a realizar e que tem como objectivo fazer um inventário da diversidade microbiana existente no solo da ilha de São Miguel. Uma vez que a grande parte dos agricultores opta por fazer uma gestão intensiva do seu terreno, tem-se observado que a qualidade do solo tem vindo a decrescer, fazendo com que surjam cada vez mais plantas invasoras e que se utilizem cada vez mais adubos. Neste sentido, a aposta nas pastagens permanentes poderá ser fundamental, embora a investigadora defenda que os produtores devam ser apoiados pelo governo local e restantes entidades ligadas à agricultura.

Nos Açores, e tendo em conta a dimensão que ocupam os terrenos que são utilizados para a prática da agricultura intensiva, será importante aumentar o número de pastagens permanentes uma vez que estas serão essenciais para manter a biodiversidade das pastagens, sendo esta uma das conclusões a que está a chegar Ângela Vieira através do projecto de doutoramento que está actualmente a desenvolver pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores.

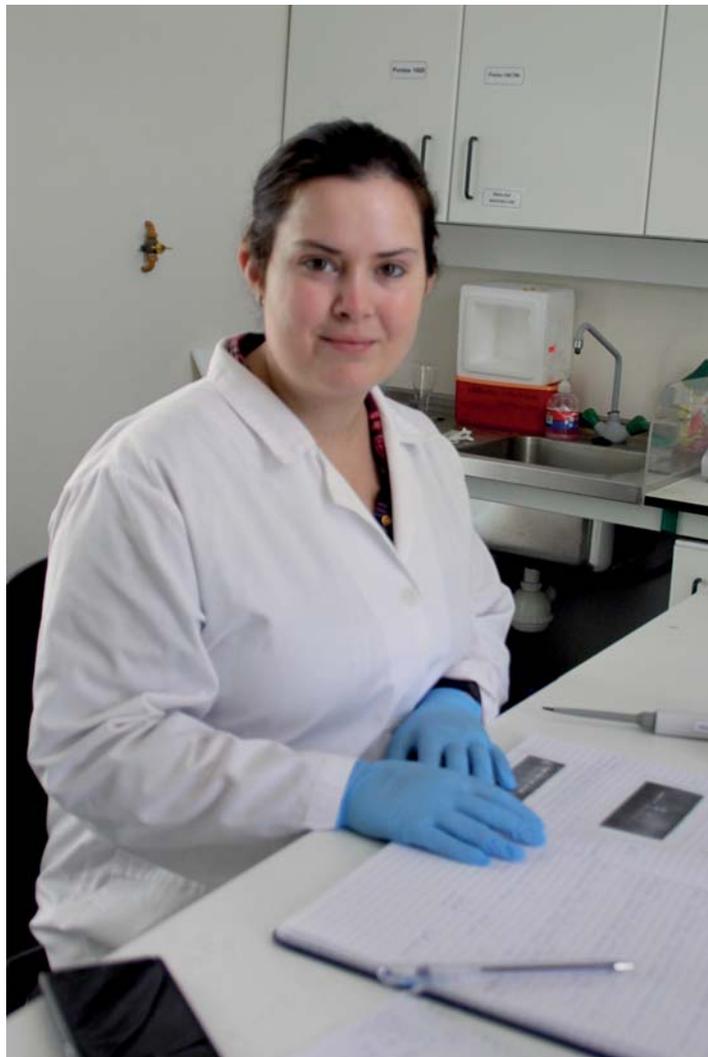
O doutoramento em causa, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, tem como objectivo fazer um inventário da diversidade microbiana existente no solo da ilha de São Miguel, nomeadamente no que diz respeito às bactérias e fungos que nele existem, fenómeno que, de forma comprovada, variará consoante a intensidade da gestão que é feita no solo.

Para o efeito, foram analisados um total de 54 locais, mais concretamente 27 pastagens e 27 florestas de vários tipos, com o objectivo de se perceberem que mudanças estão subjacentes nas comunidades microbianas do solo das pastagens e florestas de São Miguel, concluindo-se assim, que relativamente às pastagens, é nas permanentes que existe uma comunidade microbiana capaz de “ajudar a manter os elementos que existem sem que eles desapareçam completamente da ilha”.

De acordo com a aluna do doutoramento em questão, as pastagens permanentes definem-se pelas superfícies ocupadas por vegetação durante um período igual ou superior a dez anos, desde que estas não estejam incluídas no sistema de rotação da exploração, fazendo assim com que estas funcionem como “um elo de ligação entre a biodiversidade que encontramos em pastagens semi-naturais”, também estas muito raras nos Açores, e as pastagens mais intensivas.

Neste sentido, a investigadora prossegue e garante que “nas pastagens permanentes os micro organismos (bactérias e os fungos que não vemos) que estão no solo e são essenciais para a sua produtividade, para todos os serviços ecossistémicos que o solo fornece e garantem a sua sustentabilidade”, algo que em São Miguel poderá estar em causa devido à intensificação agrícola que se verifica.

“Em São Miguel as pastagens que temos em maior número são as pastagens intensivas, porque para termos tanto leite e tanta criação de gado temos que ter produção intensiva”, salienta Ângela Vieira afirmando que, no entanto, será “muito importante incentivar os agricultores a não perderem as suas pastagens permanentes ou até a tornarem as pastagens que agora têm em pastagens permanentes, ou



seja, que deixem de ser tão intensivos”.

Neste sentido, um dos principais pontos negativos observados a partir dos resultados extraídos de pastagens intensivas, afirma a investigadora, está relacionado com a quantidade de espécies invasoras que surgem nos locais explorados.

“Verificámos que quanto mais intensivos os agricultores são mais são as espécies invasoras que aparecem nas pastagens, como o caso da lapaça (*Rumex obtusifolius*), uma es-

pecie com folhas muito grandes e que as vacas não comem. Quando aparecem muitas plantas desta espécie o que acontece é que os agricultores queimam-na porque não lhes tem utilidade, e vemos que quanto mais intensificam a pastagem mais vezes têm que repetir isto. Já se deixarem a pastagem um pouco mais sossegada isso fará com que as espécies compitam umas com as outras e que se mantenha o equilíbrio”, diz a investigadora.

Também por esse motivo se conclui que é

nas pastagens permanentes que há “o melhor dos dois mundos”, uma vez que este tipo de pastagens “são produtivas o suficiente para os agricultores, ou seja, não são tão más como as semi-naturais em que os produtores afirmam só poder colocar vacas durante o Verão”.

No entanto, Ângela Vieira aponta que apesar de os agricultores estarem despertos para os problemas que estão relacionados com a prática intensiva da agricultura, onde também se inclui o enorme gasto que têm anualmente com adubos para aumentarem a produtividade da terra, percebe também que se sintam de “mãos atadas” uma vez que “as pastagens permanentes e semi-naturais são pastagens menos produtivas e os agricultores têm que ter sempre alimento para dar às vacas, já que as “vacas felizes” se alimentam de erva 365 dias por ano”.

O projecto BioInvent, de cariz europeu, foi iniciado em 2017 numa cooperação entre os países Suíça, Suécia, Alemanha e Portugal, sendo que Portugal foi dividido em duas regiões: Portugal continental e Açores, tendo sido amostradas pastagens com um gradiente de intensidade de gestão semelhante, apesar das diferenças que existem na gestão das pastagens entre cada país.

“Nos outros países europeus nós temos planaltos enormes que podem ser utilizados para produzir e para fazer pastagens. Todos os agricultores cá acabam por querer intensificar tudo e temos muita dificuldade em encontrar pastagens permanentes e as que existem são tão inclinadas e por isso os agricultores nem as conseguem trabalhar com tractor”, conta.

As diferenças que existem, conta, devem-se sobretudo ao facto de não existirem animais ruminantes nos Açores quando os humanos se fixaram no arquipélago, onde apenas existia floresta: “Os humanos destruíram a floresta e instituíram pastagens, a maior parte das espécies que nós temos que estão em pastagens foram plantadas”.

Assim, como exemplo do que é considerado agricultura intensiva na Região, a aluna do doutoramento introduziu em 2018 na sua pesquisa dados correspondentes a nove pastagens de rotação de milho, com o objectivo de apresentar dados representativos da Região, uma vez que muitos dos agricultores optam por este tipo de estratégia.

“Todos os anos há pastagens que no Inverno só produzem erva e no Verão produzem milho. Normalmente são pastagens de baixa altitude porque no Verão se colocamos erva a baixa altitude normalmente a erva morre ou precisa de muita água e o milho acaba por ser mais resistente”, chegando inclusive a tomar posse de todo um terreno onde poderão ser en-

contradas apenas “mais duas ou três espécies invasoras”, salienta Ângela Vieira.

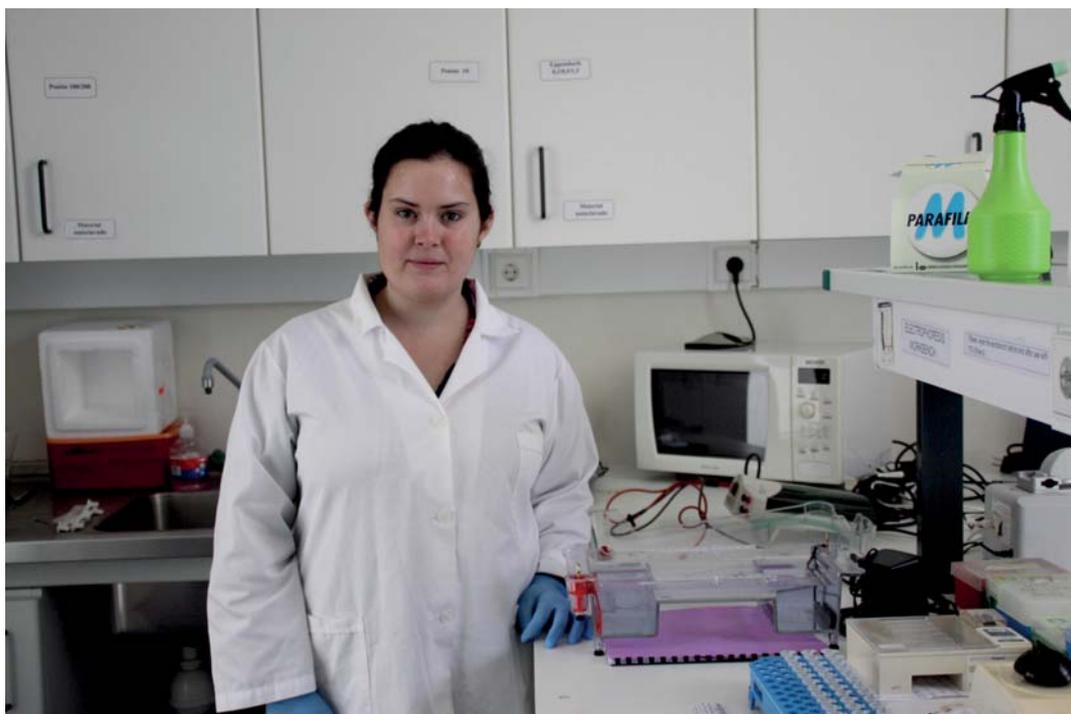
Apoios financeiros podem ajudar a salvar pastagens permanentes

No que diz respeito à qualidade botânica nos países europeus, adianta que se familiarizou com as práticas dos países parceiros do projecto BioInvent, que possui pastagens que funcionem “como elo de ligação entre o natural e o intensivo recebe mais e há até um apoio para manter estas pastagens que são essenciais para manter a saúde do solo, porque cada vez mais os agricultores percebem que têm que estar sempre a corrigir o solo porque este é cada vez mais utilizado”, sendo este um exemplo de algo que poderia acontecer também nos Açores.

Para o efeito, estes subsídios que são atribuídos aos agricultores que estão a ajudar a preservar a biodiversidade do local são delimitados pelo governo local e determinados por especialistas que confirmam se as espécies ali presentes serão as correspondentes a uma pastagem permanente ou não.

No entanto, a ser aplicada numa região como os Açores, estas medidas a favor da biodiversidade das pastagens açorianas deveriam, em primeiro lugar, ser constituídas a partir de formações aos agricultores, adianta, seguindo-se a criação de uma lista que contenha todas as espécies que serão idealmente encontradas, espécies indicadoras, algo que este projecto já identificou.

“Primeiro teria que ser feita uma formação, ou seja, explicar porque é que seria importante ter aquele tipo de pastagem e talvez atribuir uma compensação monetária aos agricultores que as tivessem, ou pelo menos deixar que



não fossem prejudicados por as terem (...), e poderia ainda ser feita uma lista de espécies que seriam depois identificadas por um especialista”.

De acordo com a investigadora, há ainda outras soluções que poderiam ser aplicadas às pastagens dos Açores para auxiliar nas ques-

tões relacionadas com a biodiversidade, nomeadamente a delimitação de um perímetro de pastagem permanente localizado à volta das pastagens intensivas.

“Se um agricultor que tiver várias pastagens intensivas mantivesse à sua volta um perímetro de pastagens permanentes, aquelas pastagens permanentes poderiam ajudar a que as pastagens intensivas não se degradassem tanto através das espécies ali existentes, das sementes dispersadas e através dos micro organismos que produziria”, conta a investigadora.

Através da implementação destas estratégias, diz que seria possível também dar uma melhor alimentação às vacas de cada produtor, uma vez que nas pastagens permanentes existem outras espécies para além da erva escolhida pelos produtores como o trevo, por exemplo.

“Há uma pressão muito grande para o nosso ecossistema e as nossas vacas só comem um tipo de erva. As nossas pastagens estão a perder muita biodiversidade (...), principalmente ao nível das leguminosas, como os trevos que são muito importantes porque fixam o azoto no solo e as pastagens permanentes são aquelas que têm mais trevo e são essenciais”.

Assim, a investigadora adianta que, uma vez que as vacas têm necessidade de comer alimentos fibrosos, “há que falar com os responsáveis, neste caso com a Associação Agrí-

cola e com aqueles que vendem misturas para plantar porque actualmente os agricultores só compram uma espécie de erva, e talvez uma mistura com trevo fosse mais produtivo para as vacas e melhor para o ambiente”.

A relação entre a sustentabilidade da agricultura e o meio ambiente está também a ser estudada na Irlanda, onde de acordo com Ângela Vieira “estão a fazer estudos para perceber que tipo de alimentação é que podem dar a uma vaca para que produzam menos metano. Nesse sentido, descobriram que se aumentarem em 30% a percentagem de trevo que as vacas comem, elas diminuem, embora não de forma radical, a sua produção de metano, e o que vemos cá é que quase não temos trevo”.

Outra solução passaria também pela introdução de outras espécies de gado nas pastagens menos produtivas, uma vez que, por exemplo, “as cabras são muito boas para locais de altitude, elas chegam lá tal como as vacas mas com menos esforço e com menos destruição”, considerando ainda que as pastagens permanentes são “normalmente para vacas mais novas e mais leves, que conseguem andar melhor e não gastam tanta energia, essencial para a produção de leite, mas também seria muito importante que as vacas adultas mantivessem uma dieta mais diversificada que é obtida através das pastagens permanentes”.

Joana Medeiros

